



MONTIJO

SEMANÁRIO REPUBLICANO REGIONALISTA

(Defensor dos Interesses Locaes)

Director :
Dr. M. Paulino Gomes
Editor :
J. A. Xavier Lopes
Administ. :
Joaquim Ameixa
ASSINATURAS :
Série de 10 num. \$300
ANUNCIOS
(Contracto especial)
VISADO PELA CENSURA

A V E N G A

Composto e Impresso
na Tipografia SIMÕES — SETUBAL

Propriedade da Empresa
de Publicidade do «Montijo»

Redacção e Administração
Praça 1.º de Maio — MONTIJO

O Cinco de Outubro em Montijo

«Montijo» toda a gente o sabe — era já no tempo da Monarquia uma das terras mais vibrantemente republicanas, de tal forma que o grande e sábio tribuno dr. António José de Almeida, em pleno parlamento monárquico, a cognominou «a terra mais maciçamente republicana do país».

Nunca esmoreceu esta terra o seu sentimento republicano, que mantém íntegro, ímpoluto, desinteressadamente e abnegadamente.

No ano corrente, como há alguns anos já, as comemorações do aniversário da implantação da República, têm se limitado, por assim dizer, a demonstrações de carácter oficial. Isso não obsta, porém, a que o nosso povo não sinta como outrora — e quiçá mais ainda hoje — a necessidade da manutenção das instituições republicanas, únicas compatíveis com a evolução do pensamento humano e com as modernas exigências da vida social dos povos.

A uma hora da madrugada do dia 4, a Câmara Municipal iluminou a sua fachada, ao mesmo tempo que subiam ao ar inúmeros foguetes. A Banda Democrática, que acabava o seu concerto na Praça 1.º de Maio, percorreu as ruas da vila, acompanhada de bastantes pessoas.

No dia Cinco, pelas oito horas, os edificios públicos e alguns particulares embandeiraram, ouvindo-se também muitos foguetes.

A noite houve na sede da Banda Democrática um copo de água, oferecido por um grupo de sócios aos executantes da Banda, saindo em seguida esta em percurso pelas ruas da vila e executando «A Portuguesa».

Estranhámos que o Posto da Guarda-Fiscal continuasse sem bandeira o que já vem acontecendo de há bastante tempo a esta parte.

FINAL DE FÉRIAS

Retirou para Lisboa, acompanhado de sua mãe, Ex.ª Sr.ª D. Maria José Antunes, o nosso muito presado conterrâneo e dedicado colaborador, sr. Jorge Antunes, que vai iniciar os seus estudos na Faculdade de Letras da Universidade daquela cidade.

Também sae hoje para a sua casa de Lisboa, a Ex.ª Sr.ª D. Maria Augusta de Ascensão Ramalheite Gomes, esposa do nosso director, em companhia de sua afilhada, menina Gabriela da Silveira Relógio, que vai frequentar o terceiro ano no liceu Filipa de Lencastre e continuar os seus estudos de piano.

Dr. José Luiz de Sousa Júnior

Para Braga, onde exerce o cargo de delegado do Procurador da República, retirou há dias este nosso muito presado conterrâneo e assinante.

NÃO PODE SER!

Fomos propositadamente assistir, no passado domingo, à inauguração, na presente época, do campo de jogos do «Onze Unidos Football Club», para verificarmos a maneira como se comportavam os elementos de bola daquela associação.

Digamos já que os Onze Unidos tinham fama de serem correctos nas suas exhibições de jôgo da bola e, por várias vezes, tivemos ocasião de constatar a veracidade e a justiça dessa fama.

Desta vez, porém, sofremos um completo desapontamento. Os Onze Unidos portaram-se de modo a não desfazerem a má impressão que nos causava o primeiro jôgo da época, realizado pelo «Aldegalense Sport Club».

Tambores uns, caixas de rufo os outros.

Ora isto assim não pode ser, nem pode continuar!

«Montijo» é uma terra de gente ordeira, pacata, trabalhadora e hospitaleira. Estas características, que desde sempre têm sido reconhecidas por quem nos vizita, vêm ultimamente sofrendo um desmentido, mercê do impudor manifestado pelos jogadores de bola no seu tratamento aos grupos estranhos.

Fazemos também aqui a afirmação de que, se tratamos deste assunto, em fundo, no nosso semanário, é porque não queremos consentir que, sem o nosso mais veemente protesto, continue a fazer-se o que se tem feito nos campos de jogos, em absoluto detrimento do bom nome da nossa terra.

Referimo-nos a estes factos, dando-lhes relevo bastante, porque entendemos que o nosso bom povo honrado, pacífico, respeitador, não deve estar sujeito a falsas interpretações de carácter, provocadas por discólos, que sobrepõem as suas desmedidas ambições de saliência à tranquilidade de espírito e ao respeito devido aos seus semelhantes.

Demais é conhecida a veracidade do velho rifão: «Quem ventos semeia, colhe tempestades». E, dentro de pouco tempo, os grupos desportivos locais, a procederem, de futuro, como até aqui têm procedido, ver-se-ão sujeitos à acção duma vindicta que, não sendo inteiramente justa, é no entanto racional e pelo menos humana.

Dessa forma todas as pessoas sensatas, que encaram os exercícios desportivos como elementos de purificação da raça e do seu desenvolvimento físico, veem-se também constrangidas a abandonarem os campos de jogos, deixando os grupos entregues tão somente à furiosa demência com que alguns dos seus jogadores interpretam a actividade desportiva.

Ninguém ignora que o jôgo da bola tem muitíssima gente que lhe é adversa. Com razão ou sem razão — nós entendemos que é sem razão — o certo é que o jôgo da bola nunca foi olhado com inteira simpatia pela maioria das populações. Nota-se até que as pessoas que assistem, geralmente, aos jogos se reerutam nas camadas mais novas das gerações, sendo em número quasi diminuto aqueles que se encontram nos recintos respectivos em idade madura, considerada como sendo aquela em que uma pessoa se reveste de mais sensatez e ponderação.

No entanto, é inegável também que para essa crescente antipatia tem contribuído, mais do que qualquer outra circunstância, a da forma violenta como há tempos a esta parte se têm exhibido os desafios da bola.

Dizemos já no número anterior do nosso semanário e repetimos aqui hoje, que não deixaremos jamais passar sem o nosso protesto o que, à semelhança doutras partes, se vai passando no nosso meio desportivo. Esta nossa atitude irá até ao ponto de chamarmos a atenção do público para a forma irregular como se joga à bola, transformando o terreno do jôgo numa arena de pugilatos constantes e injustificados e de recorrermos, por fim, às autoridades locais, pedindo a sua intervenção no sentido de fazerem terminar este estado de coisas para bem do nome da nossa terra e do nosso povo.

Fazemos contudo votos para que tudo se modifique em boa paz, conjugando-se os próprios jogadores e as direcções das associações para se tornarem dignos dos nossos aplausos e desfazerem por completo a má impressão causada pelas suas anteriores exhibições.

A Praça 1.º de Maio

A Banda Democrática, realizou nos dias 1, 2 e 3 do corrente, a sua tradicional Festa da Fruta na pequena Praça 1.º de Maio, desta vila.

Casualmente, na tarde do primeiro dia, uma trovoadade fez desabar sobre nós fortes bâtegas de água, durante um bom espaço de tempo, de tal forma que provocou inundações em vários sítios.

A Praça 1.º de Maio, como de costume, bem como as ruas que a circundam foram completamente invadidas pelas águas descendentes da antiga rua do Vau, hoje rua Sacadura Cabral e da antiga rua da Oliveira, hoje rua Gago Coutinho, e, como sucede que se encontram há bastante tempo descalçetadas, ficaram em tal estado que se tornaram intransitáveis.

Isto deu ocasião a que, à noite, as pessoas que acorreram às festas promovidas pela Banda Democrática, se viram obrigadas a ocupar apenas a artéria do lado nascente da praça, numa incómoda aglomeração de pessoas e num piso absolutamente desagradável.

Já em um número anterior de «Montijo» reclamámos contra o estado em que se encontra a Avenida João de Deus, que se prolonga exactamente até à Praça 1.º de Maio, e o que acabamos de escrever vem reforçar a razão da nossa reclamação que aqui fica feita de novo.

Banda Democrática

Vae amanhã abrilhantar as festas que, desde ontem, se têm vindo realizando em Sarilhos Pequenos, do vizinho concelho da Moita, a distinta Banda Democrática desta vila, que sob a regência do seu ilustre chefe sr. Amadeu de Moura Stoffel, ali realizará um concerto alternadamente com uma sociedade filarmónica do Seixal, considerada como dos melhores grupos musicais do país.

Por este motivo está despertando grande interesse entre os amadores de música o concerto de amanhã, em Sarilhos Pequenos.

Resultaram brilhantes as festas que esta distinta sociedade musical promoveu na Praça 1.º de Maio, desta vila, nos dias 1, 2 e 3 do mês corrente. Todos os números do programa anunciado foram cumpridos, sobressaindo os três concertos nocturnos que a Banda realizou sob a regência do seu muito proficiente maestro sr. Amadeu de Moura Stoffel, com trechos escolhidos e de muito agrado.

O tempo, que durante grande parte do dia 1 se mostrava bastante feio, aliviou e contribuiu assim para o bom êxito das festas e para a grande concorrência que se notou, especialmente nas duas últimas noites.

Roberto dos Santos Carvalheira

Tivemos o prazer de ver nesta vila, este nosso estimado assinante e amigo, da vila de Canha, do nosso concelho.

Pró-hospital

A Comissão Angariadora de Donativos pró-hospital, constituída pelas Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Diamantina Oliveira de Medeiros Ferreira, D. Alda Gouveia da Silva Mendes e D. Maria Carolina Ventura de Loureiro, leva hoje a efeito, no campo de desportos do «Aldegalense Sport Club», gentilmente cedido para esse efeito uma ginkana de automóveis [e emocionantes provas de ciclismo, em condições nunca presenciadas nesta vila.

Atendendo ao fim a que é destinado tão belo concurso desportivo espera-se que todos os elementos desportistas desta vila deem o seu auxílio às provas a executar.

Ao mesmo tempo aguarda-se uma enorme concorrência ao campo do Sport, tornando-se assim brilhante pela assistência e pelo concurso de desportista tão interessante quanto humanitária festa.

«Montijo» agradece às beneméritas senhoras a gentileza do convite que lhe foi endereçado e coloca-se à disposição de S.^{as} Ex.^{as} para tudo o que for julgado conveniente e esteja em suas posses.

Notícias pessoais

Fazem anos:

Hoje, o menino Victor Manuel Moreira da Costa, filho do nosso particular amigo sr. Luciano Fortunato da Costa, aluno do 4.^o ano dos liceus e afilhado do nosso director; a sr.^a D. Berta dos Santos Dâmaso, esposa do sr. António Maria Gouveia Júnior; e o sr. Domingos Mendes.

— Amanhã, o sr. Victor Fernandes Guerra, professor de Ensino Primário Oficial em Lisboa e antigo professor nesta vila.

— Na sexta-feira, o sr. Diogo Rodrigues de Mendonça.

«Montijo» apresenta a todos os seus cumprimentos.

Registo de nascimento

No dia 3 do corrente realizou-se o registo do nascimento da menina Odette Fernandes Guerreiro Alvaro, filhinha do nosso particular amigo e assinante sr. António Guerreiro Alvaro Júnior e da sr.^a D. Arminda Fernandes Guerreiro. Serviram de padrinhos o sr. Mário Guerreiro Alvaro e a sr.^a D. Isilda Guerreiro Alvaro.

Para a Africa

Acompanhada de seus dois filhinhos Joel Cid Navarro Rodrigues e António Luiz Navarro Rodrigues, seguiu ontem para Johannesburgo, Africa Inglesa, a Sr.^a D. Adilia Navarro de Paiva, filha do nosso muito presado assinante, sr. dr. Joaquim Navarro Marques de Paiva, delegado de saúde neste concelho.

Aquela senhora e seus filhinhos vão encontrar-se com seu esposo e pae, nosso estimado conterrâneo, sr. António Luiz Rodrigues Júnior que se encontra há tempos naquela cidade.

Chaves perdidas

O motorista Álvaro Maria de Oliveira veio entregar-nos um molho de chaves que uns passageiros, que transportou desta vila para a de Barreiro, deixaram no seu automóvel. Entrega-se, nesta redacção, a quem provar pertencer-lhe.

Fisico-Cultura

FOOT-BALL

No campo dos vermelhos

Um mau começo

Operário Barreirense, 2

Onze Unidos, 1

O Onze Unidos Foot-Ball Club, desta vila, inaugurou, no passado domingo, a sua época de foot-ball, jogando contra o Operário Foot-Ball Club Barreirense.

O encontro, como partida de foot-ball, pouco ou nada valeu. Muito pontapé para a frente, para o ar e nenhum vestlumbre de «association». E, ainda por cima, algumas vezes os jogadores preferiram jogar ao homem a jogar à bola. E neste capítulo os nossos conterrâneos levaram a palma ao seu adversário. Isto admirou-nos bastante, porque estávamos costumados a ver no Onze Unidos um grupo correcto. Oxalá o Conselho Técnico dos vermelhos saiba educar os seus jogadores de forma a que se conduzam com aquela correção que é apanágio de todo o bom desportista. Isto só dignificará o club e a sua terra.

O encontro começou quarenta e cinco minutos depois da hora marcada. Temos a impressão de que os grupos cá da terra precisam de aprender a palavra «pontualidade»...

O Operário entrou a dominar e a dois minutos do começo marcou a sua primeira bola. O guarda-rêdes do Unidos, completamente tapado nada pôde fazer.

O grupo local esforça-se por fazer o empate, o que só consegue quasi no fim do primeiro tempo, por intermédio de Dîmas, num pontapé vesgado, rematando um centro de Alfredo. Após este «goal» o Unidos anima mais e só não consegue marcar pelo mau remate dos seus dianteiros. Fernando, é o condutor da linha, devendo-se a êle toda a organização dos ataques do seu «onze». Os médios, porém, não ajudam os avançados, obrigando estes a um trabalho muito mais pesado... e improficuo.

O segundo tempo aparte os dez minutos finais, foi um aborrecimento constante. Foi nesta parte que o Operário conseguiu meter a bola da vitória, por intermédio do seu extremo direito. Dêste «goal» foi absolutamente culpado o guarda-rêdes do Unidos que só se lançou... quando a bola já tinha entrado. O jogo começa a ser violento. Os jogadores trocam «caricias» e o árbitro assiste a tudo aquilo... impassível.

Quasi no final do jogo Fernando trocou com Vieira II, que tinha estado a fazer um péssimo lugar a extremo direito, e o jogo muda de feição. O Unidos mostra agora mais entendimento. Mas o apito final chegou e com êle a vitória dos visitantes que, diga-se de passagem, foi absolutamente justa.

O Unidos apresentou nos um grupo de regular constituição atlética; falta-lhe conjunto derivado, talvez, da falta de treino.

A linha de médios joga muito distante dos avançados, o que não deve ser. Barreto, o novo médio-centro, não conseguiu agradar-nos. Fez-nos recordar, com saúde, o pequenino José Seniz. No entanto, com o tempo, pode fazer-se.

Neçessita de evitar, um pouco, a

«alma» com que joga, «alma» que, por vezes, é excessiva.

Fernando foi incansável. Dîmas só fez de bom o «goal» que meteu. O elemento que mais nos agradou foi o novo defeza direito, Fernandes. Calmo, decidido, com intuição para a lugar; bate regularmente a bola. E' um jogador que, bem aproveitado, pode ter futuro. Os outros, muito abaixo do que lhes temos visto fazer.

O Operário é um grupo de conjunto regular. O médio-esquerdo jogou muito bem. Os outros não destoaram.

A arbitragem a cargo dum visitante, foi imparcial. Devia ter reprimido o jogo violento.

Paulino Gomes Junior

No campo do Sport

Uma vitória fácil

Sport, 3 — Desportivo do Rego, 0

No segundo encontro da época, o Sport, faltando-lhe alguns elementos do seu primeiro «team», defrontou o Club Desportivo do Rego.

A partida, que só teve de interessante o primeiro quarto de hora, tem, conseqüentemente, muito pouco que relatar.

Nos 15 minutos de início, o Sport jogou com entusiasmo, proporcionando umas boas descidas, nomeadamente, aquelas em que marcou os primeiros dois «goals». Mas esse entusiasmo foi decrescendo proporcionalmente à resistência que o grupo adversário, — pouco consistente — lhe oferecia...

Foram marcadores: Miguel, a 5 minutos de jogo, Caria, a 10, e Rosado a 7 minutos do fim.

No Desportivo do Rego, «salvaram-se» os dois defesas e o guarda-rêdes.

No Sport, ninguém se evidenciou. Todos no mesmo plano.

A arbitragem, assim como a vitória, também foi fácil...

No primeiro tempo, arbitrou o sr. Júlio Nepomuceno. No segundo, arbitrou o sr. Onofre Carapinha que, desta vez, agradou.

Manuel Marques

Aldegalense Sport Club

A categoria de honra dêste club desloca-se amanhã a Alcacer do Sal, onde vai disputar um encontro de foot-ball com igual categoria do grupo local. Ao team do Sport, desejamos um brilhante resultado.

Onze Unidos Foo-Ball Club

No campo de jogos dêste Club, realiza-se hoje um encontro de foot-ball entre a sua categoria de honra e a do Sport Club da Penha. Este jogo está despertando grande entusiasmo, em virtude de ser a primeira vez que este club nos visita.

O encontro começa às quinze horas e trinta minutos.

Este valioso grupo desportivo local, teve a gentileza de nos enviar a nota dos seus novos corpos gerentes para o ano de 1932 a 1933 que são:

Assembléa Geral: — President, Mac-

Questões de linguagem

Este assunto, que vamos tratar no nosso semanário, por vezes, para modificar um pouco o aspecto literário de «Montijo», é escabroso, pela complexidade dos assuntos que lhe dizem respeito, mas interessante para quem gosta de conhecer as modalidades da nossa linguagem.

Assim, lemos na Gramática Histórica da Linguagem Portuguesa, para a VI e VII classes do Curso dos Liceus, por António Garcia Ribeiro de Vasconcellos (sic) — 1909 — que, «no português, em época remota, o ditongo ai, onde quer que apparecesse, mudava-se em ei». Desta forma se formaram as palavras «primeiro», de «primario» (lat. primarium); «feito», de «facto», (lat. factum) etc.

A propósito lembra-nos registar aqui que o nosso povo, certamente em obediência àquela regra, ainda hoje diz «réiva», em lugar de «raiva», do latim «rabia».

E' vulgar ouvir-se a pronúncia que citamos e que tem, como vemos, uma explicação clara no campo da linguística.

P. G.

Efemérides da Semana

No dia 9 de Outubro de 1867 inaugurou-se em Lisboa a estátua de Luiz de Camões, adquirida por subscrição pública da iniciativa do grande escultor Victor de Bastos.

— No dia 11 de Outubro de 1839 deu-se o falecimento da illustre escritora Marquesa de Morna.

— No dia 12 de Outubro de 1906, faleceu o grande democrata e convicto livre pensador Heliodoro Salgado.

— No dia 13 de Outubro de 1913 foi fusilado em Espanha, o grande democrata Francisco Ferrer.

— No mesmo dia de 1919 deu-se um movimento republicano contra Sidónio Pais.

— Ainda no mesmo dia de 1930, faleceu em Lisboa, o nosso saúdoso e indefectível republicano Pedro Januário do Vale Sá Pereira.

— No dia 14 de Outubro de 1918 deu-se o afundamento do navio de guerra «Augusto Castilho», em combate com os alemães, sob o comando do glorioso marinheiro Carvalho Araújo.

ASSINAR

o «Montijo» é o dever de todo o montijense que quer ver elevada a sua terra.

nuel Beatriz; vice-presidente, Ernesto Gouveia; 1.^o secretário, Manuel Feliciano; 2.^o secretário, Manuel Quaresma.

Direcção: — Presidente, António Emílio Carmelo; vice-presidente, Joaquim Pereira; 1.^o secretário, António Pascoal; 2.^o secretário, Jacinto Ramiro; tesoureiro, Pedro Benito Garcia; vogais: João Bastos Panelas e Manuel Francisco.

Conselho Fiscal: — Presidente, Lúcio Lopes Júnior; secretário, António de Sousa; relator, Luciano José Catita.

Agradecemos a amabilidade da indicação bem como as saudações enviadas, as quais muito sinceramente retribuimos ao Onze Unidos Foo-Ball Club uma ri-dente época desportiva.

O Cinema como Arte e como Ciência

Crónica por Joaquim Ameixa

A sétima arte ainda não nos disse a última palavra, quer no campo científico, quer sob o aspecto ético-social.

O modesto autor desta pequena crónica, não é um cinéfilo apaixonado, mas há já algum tempo, que vem estudando seriamente, a arte da luz e do movimento, debaixo do ponto de vista educativo, e acha que é oportuno falar do cinema no momento que passa, no momento de vertigem cinéfilista, de vertigem que atrofia a mentalidade humana e que, principalmente, embrutece a alma infantil. De facto, a vertigem do detetivismo, da aventura e do sensualismo descabido de certos nudistas que se supõem inovadores conscientes, quando finalmente, não passam duns pobres pátetas, cujos caprichos se prestam às mais ridículas e peregrinas apreciações pelas pessoas de bom senso, e contribuem para a confusão, para o crime e para a desmoralização da raça. E nós sabemos, pela leitura dos jornais, quantos crimes se têm praticado por esse mundo fóra, influenciados por filmes policiaes, que horas antes, foram exibidos no écran, em pleno público, em plena presença de centenas de crianças, que se deixam arrastar, que se deixam dominar pelos actos aventureiros de qualquer gábirú, que um artista, a tróco de dinheiro, soube transportar para uma película.

O cinema não tem até hoje, desempenhado a missão que de facto, deveria desempenhar.

Muitas películas, em especial, americanas, deviam ser retiradas para sempre, do écran e substituídas por outras, cujas realizações fóssem puramente moralizadoras.

O cinema é uma arte moderna, científica, que aproveitada como escola técnica e cívica, muito beneficiaria o agregado humano. E dentro deste plano cultural, dentro destas normas de orientação, o **cinema-escola** contribuiria imenso para o aperfeiçoamento mental e moral das novas gerações. Os ensinamentos colhidos por meio de projecções fixar-se-iam para sempre, no cérebro infantil da nossa petizada, criando-lhe assim, uma consciência sã, uma moral definida, uma inteligência desempoeirada e fecunda.

Tenhamos em vista, como o povo da U. R. S. S. transformou o cinema em escola, da qual tem colhido os melhores resultados, sobretudo, de natureza profissional e educativa.

Porém, podemos afirmar, sem receio de contestação, que o cinema guiado por estas normas orientativas não deixaria de ser belo; antes pelo contrário, teria mais beleza e seria altamente grandioso!

Marcenaria e Carpintaria Ribatejo, L. da

Para os devidos efeitos se publica que, por escritura de 9 do corrente, lavrada nas notas do notario Dr. Noronha Galvão, desta cidade, foi constituída uma sociedade comercial por cotas, de responsabilidade limitada, nos termos e sob as clausulas e condições exaradas nos artigos seguintes:

1.º—A sociedade adota a denominação de «Marcenaria e Caixotaria Ribatejo, Limitada», e tem a sua sede e estabelecimento na Vila da Moita.

2.º—O seu objecto é a exploração de marcenaria e caixotaria, podendo explorar qualquer outro ramo de negocio em que os socios acordem, com excepção do bancario.

3.º—A sociedade teve o seu inicio no dia 1 de setembro de 1932.

4.º—O capital social é de 30.000\$000, está todo realiado em dinheiro já entrado na caixa social e corresponde à soma das cotas dos socios, que são as seguintes:—Luiz Americo de Freitas, 23.000\$000. Henrique dos Santos, 7.000\$000.

5.º—Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, podendo, porém, qualquer socio fazer à caixa social os suprimentos de que ela carecer, mediante o juro a fixar em acta.

6.º—O socio Luiz Americo de Freitas fica desde já auctorizado a dividir e ceder, por uma ou mais vezes, a quem entender, a cota que possui na sociedade. O socio Henrique dos Santos não poderá ceder a sua cota, ou parte dela, sem auctorisação expressa do outro socio, que terá sempre direito de preferencia na sua aquisição pelo valor com que ela tiver ficado no ultimo balanço geral aprovado, acrescido da parte correspondente no fundo de reserva legal.

7.º—No caso de falecimento do socio Henrique dos Santos fica expressamente prohibida a divisão da sua cota pelos seus herdeiros, devendo estes exercer em comum os direitos que lhes competirem, nomeando de entre si um que a todos represente na sociedade.

8.º—A administração e gerencia de todos os negocios da sociedade e a sua representação, em juizo e fora dele, activa e passivamente, serão exercidas pelo socio Luiz Americo de Freitas, que desde já fica nomeado gerente, com dispensa de caução, bastando a sua assinatura para obrigar a sociedade.

§ 1.º—Ao gerente são conferidos os mais amplos poderes para a gestão dos negocios sociaes, inclusivé para trespassar os estabelecimentos sociaes, confessar a sociedade devedora de quaesquer quantias, e contrair emprestimos, nos termos e condições que entender.

§ 2.º—O gerente poderá delegar, mediante procuração, todos ou parte dos seus poderes de gerencia em quem entender.

9.º—Ao socio Henrique dos Santos incumbe especialmente a direcção tecnica da sociedade, ficando obrigado a permanecer assiduamente no estabelecimento social, e sendo-lhe expressamente vedado exercer por si, associado com outrem ou por interposta pessoa, ramo de negocio identico ao que a sociedade explora.

10.º—Ao gerente é prohibido assinar em nome da sociedade actos e contractos que não digam respeito aos negocios da mesma, taes como abonações, fianças, letras de favor e outros semelhantes.

11.º—A sociedade poderá amortisar, pelo valor do ultimo balanço geral aprovado, acrescido da correspondente parte no fundo de reserva, a cota do socio que por qualquer motivo se torne prejudicial ou incompativel com os negocios da sociedade, bastando o deposito legal da respectiva importancia para que a amortisação se torne efectiva.

12.º—As assembleias geraes, quando devam reunir-se e a lei não prescreva

outras formalidades, serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos socios com a antecedencia de oito dias, pelo menos, indicando sempre o assunto a deliberar.

13.º—Em 31 de dezembro de cada ano será dado um balanço geral de todos os negocios da sociedade, o qual deverá estar concluido e aprovado dentro dos 30 dias subsequentes.

14.º—Os lucros liquidos, acusados pelos balanços anuaes, depois de deduzidos cinco por cento, pelo menos, para fundo de reserva legal, serão divididos pelos socios na proporção das suas cotas, e de igual modo serão suportados os prejuizos.

15.º—A sociedade dissolve-se pela simples vontade do socio Luiz Americo de Freitas e nos casos legais.

16.º—Em qualquer caso de dissolução o estabelecimento social será adjudicado exclusivamente ao socio Luiz Americo de Freitas, que pagará ao outro socio o que se apurar pertencer-lhe mediante balanço especial a ser feito para tal fim se procederá.

§ unico—O pagamento da importancia apurada será feito no prazo de trez anos, em trez prestações anuaes, eguaes e sucessivas, sem vencimento de qualquer juro, vencendo-se a 1.ª seis meses apoz a escritura respectiva.

17.º—As questões emergentes deste contracto serão derimidas no foro da comarca de Lisboa, com renuncia expressa a qualquer outro.

Lisboa, 9 de setembro de 1932.

O ajudante do notario Dr. Noronha Galvão:

Manoel Ferreira Alves Salgado

SONETO

AO POVO

*O Povo! és como Rafael, na glória...
Pois, se, da pedra tósca, éle fez tanto,
Ah! tu ergueste um monumento — a História. —
Pondo-lhe um marco d'ouro em cada canto!...*

*Depois, para mereceres da victória,
Tu foste passo a passo, com esse manto,
Cobrindo as luzes de imortal memória,
No espaço de oito séculos, portanto!...*

*E ao sol da Pátria tão doirado e rubro
A arder no vasto céu; na praça pública,
No dia cinco da manhã de Outubro,*

*N'um anceio de luz e de conquista,
Tu modelaste o busto da República,
Com o supremo ideal dum grande artista!...*

Alves Furtado

Chapeus de senhora

Transformações em todos os modelos.

*Perfeição e rapidez: 10\$00
Tingir: 2\$50, só na*

CHAPELARIA DA MODA
MONTIJO

Anunciar no "Montijo" é ter a garantia dos seus produtos bem reclamados.

VENDE-SE

Uma fazenda de boas terras no Córte do Pena.
Trata-se com Pedro Narciso da Silva.

MAQUINA "SINGER"

Vende-se.
Em bom estado.
Informa esta Redacção.

VASILHAME

Vendem-se cascos e toneis de 2 a 20 pipas, em magno, carvalho e castanho, depósitos para banha e talhas para azeite.

Escritório Ventura & Filhos.

VENDE-SE

Telha de Alhandra, em 2.º mão.
Pedra de alvenaria para caboucos,
Tratar com Francisco José da Silva — MONTIJO.

Paulino Gomes

Advogado

MONTIJO

V. EX.ª

precisa trabalhos de tipografia?
Dirija-se á empreza de Publicações **Montijo**.

"O Infantil Ilustrado"

PUBLICA-SE EM SETUBAL
E É O JORNAL DO GÉNERO
MAIS LIDO EM TODO O
PAIS.

A unica casa especializada com oficina propria para o fabrico de chapéus e concertos em todos os formatos.

LUCAS & GUERREIRO L.^{DA}

Colossal Sortido de Chapelaria, Camisaria e Gravataria

|||||

A Casa que barato vende
Confrontem os nossos PREÇOS

CHAPELARIA DA MODA

Rua Afonso Pala, 17 a 21 — MONTIJO

CASA DAS NOVIDADES

DE

Francisco Vicente Lucas

Esta casa é a que maior sortido tem em bonets para homem e creança meias, peugas, artigos de malha, e lãs.

Colossal sortido em Bijouterias, Perfumarias, Brinquedos, Artigos para brindes, Retrozaria e Papelaria

A CASA QUE MAIS BARATO VENDE Confrontem os nossos preços

RUA ALMIRANTE REIS, 65 a 67

MONTIJO

Anunciar no "Montijo," é ter a garantia dos seus produtos bem reclamados.



A oficina de

Antonio Joaquim Iça

fornece, para revenda uma enorme variedade de brochas, pinceis, vassouras de palma, junco e piassaba, escovas e diversos artigos do Algarve.

R. Joaquim de Almeida, 37



Mercearia, Fazendas e tabacos

DE

JOSÉ ANTONIO DE FARIA

Rua Teofilo Braga, 67 — MONTIJO

PENSÃO MONTIJO

DE

LUCILIA C. NEPOMUCENO

|||||

Recebe comensais; diárias por preços muito módicos. Esmerado aceio.

R. ALMIRANTE REIS



Antonio Joaquim Dias

proprietario de

A ESTRELA LUZITANA

sita na Rua Joaquim de Almeida, 16 e 18

participa a V. Ex.^{as} que, além dos seus artigos de mercearia, tem, para venda por grosso e a retalho, um enorme stock de

deliciosos cafés lotados



Tipografia SIMÕES

SETUBAL

JORNALIS E OBRAS DE LIVRO
FACTURAS E ENVELOPES
CIRCULARES E MEMORANDUNS
CARTÕES DE VISITA E DE LUTO
PROGRAMAS E CARTAZES, ETC.

R. ALVARO CASTELÕES, 28

TELEFONE 71

OFICINAS MODERNAS, MOVIDAS
A FORÇA MOTRIZ

Lições

Alice Costa e F. Bernardo Costa, professores diplomados, leccionam instrução primária e os primeiros anos dos Liceus, *sòmente* em sua casa na Rua Machado Santos ou na dos alunos.